

DA AGRICULTURA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO
EDUARDO GUIMARÃES

MARCO PÓRCIO CATÃO

DA AGRICULTURA

DE AGRI CVLTVRA

MATHEUS TREVIZAM

Tradução, apresentação e notas

Edição bilingue

EDITORA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C29d Cato, Marcus Porcius. 234-149 A.C.
Da agricultura / Marco Pórcio Catão; tradução, apresentação e notas: Matheus Trevizam. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

1. Cato, Marcus Porcius. 234-149 A.C. Literatura latina. 2. Literatura clássica. 3. Agricultura – Roma – História. I. Trevizam, Matheus. II Título.

CDD - 870
- 880
- 338.1

ISBN 978-85-268-1360-1

Título Original: *De agri cultura*

Copyright © Matheus Trevizam
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Francesco.
Para Valderês (*in memoriam*) e
minha mãe (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, orientador da versão inicial do trabalho que originou este livro, e a meus pais e família, pelo apoio.

*At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi
gignuntur.*

Cato Censorius, *De agri cultura*

Mas, dentre os que se dedicam à agricultura,
saem homens do maior vigor e soldados da maior
coragem.

Catão Censor, *Da agricultura*

SUMÁRIO

Apresentação à tradução do <i>De agri cultura</i> de Catão.....	13
<i>Catão como depositário dos valores do mos maiorum</i>	13
<i>Inserção do De agri cultura de Catão no panorama dos escritos do autor, seus conteúdos e características compositivas</i>	26
<i>Nota sobre a tradução</i>	44
Marcus Porcius Cato – <i>De agri cultura</i>	48
Marco Pórcio Catão – <i>Da agricultura</i>	49
Referências bibliográficas.....	171

APRESENTAÇÃO À TRADUÇÃO DO *DE AGRI CVLTVRA* DE CATÃO

Catão como depositário dos valores do mos maiorum

Propondo-nos, pelo que temos notícia, pela primeira vez a traduzir e publicar no Brasil a obra *De agri cultura*, do escritor romano Catão Censor,¹ parece-nos bom empregar algumas linhas com vistas à sua apresentação ao público não especializado ou, se especializado, objetivando ao menos lembrá-lo da significativa importância dessa personagem histórica (e de sua obra) para a cultura latina.

De início, então, recordamos que o contato com o legado catoniano nos vincula a algumas das mais tradicionais matrizes de pensamento dos antigos romanos: referimo-nos, com isso, ao chamado *mos maiorum*² e aos notórios elos do escritor aqui focalizado com o mesmo ideário pátrio latino. Na verdade, correspondendo a velha sociedade de Roma antiga a um grupo humano em geral refratário a excessivas inovações em todos os âmbitos do pensamento e das atitudes,³ seus integrantes permaneceram, por séculos, bastante aferrados a um conjunto de preceitos e “normas” de conduta caracteristicamente associáveis aos costumes (*mores*) dos antigos, ou ancestrais (*maiorum populi Romani*).

¹ Existe tradução portuguesa da mesma obra (Catão, 1953), mas não estamos seguros se, na verdade, sua língua de partida não foi o francês, como explicitou Amzalak em outros de seus trabalhos; ela, ainda, obviamente não contempla a atual (e nossa) variedade do idioma.

² Rocha Pereira, 2009, pp. 357-361.

³ Trevizam, 2012, pp. 121-162.

Muitos elementos de sua vida material ou espiritual, assim, demonstram-nos o desejo dos romanos antigos de manter os elos com os antepassados como uma espécie de garantia da “sanidade” e preservação de sua cultura diante das “perigosas”, apesar de inevitáveis, mudanças dos tempos.⁴ Dessa maneira, uma das facetas do rito funerário em Roma consistia na exibição pública das chamadas *imagines*, como atesta o comentário de Bornecque e Mornet:

Os nobres usam um anel de ouro e têm o *ius imaginum*, isto é, o direito de ter no átrio e de levar nos funerais de um dos membros de sua família as *imagines* de seus antepassados, máscaras de cera pintadas ao natural e adaptadas a bustos; na base dos bustos, uma inscrição, *titulus*, lembra as funções e os feitos memoráveis da personagem.⁵

Também nos parece significativa do apego ao passado, além desse específico privilégio fúnebre concedido à nobreza, a conservação, no imaginário e nas Letras latinas, de todo um conjunto de anedotas atinentes às virtudes dos homens de outrora, as quais se pretendiam instrumentos formadores das gerações mais jovens...⁶ Ora, o diálogo ciceroniano identificado com o *Cato Maior de Senectute*, e que, justamente, tem em Catão seu protagonista em um gesto de transmissão de saberes às personagens de Lúlio e Cipião Emiliano, representa, nesse sentido, um testemunho digno de nota.

Assim, como esses moços⁷ interrogam Catão Censor a respeito dos princípios de vida que lhe permitem enfrentar tão bem as agruras da velhice,⁸ ele passa a instruí-los com base na refutação de quatro queixas “injustamente” imputadas à velhice, como se esse tempo da trajetória de vida do homem fosse uma época de (1) inatividade, (2) fraqueza, (3)

⁴ Grimal, 1994, pp. 114-115.

⁵ Bornecque & Mornet, 2002, p. 85.

⁶ Trevizam, 2012, pp. 144 e ss.

⁷ Segundo comentário de J.-N. Robert na introdução à edição Les Belles Lettres da obra, essas duas personagens andavam pela casa dos 30 anos na data fictícia do diálogo, que se passa em 150 a.C., um ano antes da morte do Censor (Robert, 2003, pp. XIV-XVI).

⁸ Cícero, *Cato Maior* II, 4.

fim dos prazeres e (4) uma triste espera da morte. Objetivando, então, combater tais ideias arraigadas nas mentes dos néscios, ou apenas inexperientes, esse Catão ciceroniano manifesta aos outros dois interlocutores do diálogo o próprio repúdio diante de uma imagem tão ruim dos anciãos, inclusive por seu próprio exemplo pessoal, que contradiz tais defeitos da velhice.⁹

Em semelhante contexto, observa-se, um dos instrumentos educativos do Censor diante de Lúlio e Cipião corresponde exatamente a reportar anedotas referentes a certos homens do passado, que se tornaram, pela exemplaridade de seus gestos, verdadeiros heróis do povo de Roma:

*Ergo in hac uita M'. Curius, cum de Samnitibus, de Sabinis, de Pyrrho triumphauisset, consumpsit extremum tempus aetatis; cuius quidem ego uillam contemplans, – abest enim non longe a me – admirari satis non possum uel hominis ipsius continentiam uel temporum disciplinam: Curio ad focum sedenti magnum auri pondus Samnites cum attulissent, repudiati sunt: non enim aurum habere praeclarum sibi uideri dixit, sed iis qui haberent aurum imperare. 56. Poteratne tantus animus efficere non iucundam senectutem?*¹⁰

Como derradeiro exemplo desse caráter de tradicionalismo do povo de Roma, parece-nos de interesse mencionar que uma expressão desig-

⁹ *Idem* VI, 18: A não ser que a vós eu mesmo, que, como soldado, tribuno, embaixador e cônsul me ocupei de vários tipos de guerras, pareça agora estar parado, por não fazer guerras. Mas recomendo ao senado quais e como devem ser feitas: muito antes declaro guerra a Cartago, que já há tempos tinha intenções ruins; não deixarei de rezear a respeito dela antes de saber que foi destruída [*Nisi forte ego uobis, qui et miles et tribunus et legatus et consul uersatus sum in uario genere bellorum, cessare nunc uideor, cum bella non gero. At senatui quae sint gerunda praescribo et quomodo: Carthagini [cui] male iam diu cogitanti bellum multo ante denuntio; de qua uereri non ante desinam quam illam excisam esse cognouero*].

¹⁰ *Idem* XVI, 55-56: Portanto nessa vida M. Cúrio, tendo triunfado sobre os samnitas, sobre os sabinos e sobre Pirro, passou o tempo derradeiro da existência; decerto, contemplando a casa de campo dele, – não dista muito de mim – não posso admirar à altura quer a continência do próprio homem, quer a austeridade de sua época: tendo os samnitas trazido a Cúrio, que se assentava diante do fogo, um grande peso de ouro, foram repudiados: pois disse que não lhe parecia notável possuir o ouro, mas mandar sobre aqueles que possuíam o ouro. 56. Acaso podia tão grandioso espírito tornar desagradável a velhice?

nativa da “desordem” ou “revolução” social, no sentido pejorativo do termo, correspondia em latim a nada menos que *res nouae* (literalmente, “novas coisas”), como se, na verdade, tudo o que ameaçasse o *status quo* só pudesse dizer respeito a algo pernicioso, nocivo, degradado... Os escritos identificados com o *In L. Catilinam*, de Cícero, comprovam-nos essas constatações na medida em que, neles, a condição de “revolucionário” cabe também a Lúcio Sérgio Catilina, nobre romano retratado pelo orador como uma espécie de traidor dos princípios do estrato social de sua proveniência, pois, pressionado por dívidas e por uma derrota eleitoral para cônsul no ano de 63 a.C.,¹¹ tentou empreender um movimento cujos objetivos se identificaram, talvez, com a queda do senado:

*3. An uero uir amplissimus, P. Scipio, pontifex maximus, Tib. Gracchum, mediocriter labefactantem statum rei publicae, priuatus interfecit: Catilinam orbem terrae caede atque incendiis uastare cupientem, nos consules perferemus? Nam illa nimis antiqua praetereo, quod C. Seruilius Ahala Sp. Melium, **nouis rebus studentem** [grifo nosso], manu sua occidit. Fuit, fuit ista quondam in hac re publica uirtus, ut uiri fortes acrioribus suppliciis ciuem perniciosum quam acerbissimum hostem coercerent. Habemus senatus consultum in te, Catilina, uehemens et graue, non deest rei publicae consilium, neque auctoritas huius ordinis; nos, nos, dico aperte, consules desumus.*¹²

“Revolucionários” à parte, correspondiam a um refúgio do tradicionalismo, no pensamento dos antigos, o ambiente e o modo de vida rural. De fato, valores como a frugalidade, a persistência nos esforços construtivos, o respeito aos deuses e às coisas da religião, a coragem e a

¹¹ Le Glay; Voisin & Le Bohec, 2008, p. 133.

¹² Cícero, *In L. Catilinam* I, I, 3: Pois, na verdade, um homem de grande importância, o pontífice máximo P. Cipião, matou como particular a Tibério Graco, que muito pouco abalava o estado da república: nós, cônsules, a Catilina, que deseja devastar o mundo com carnificinas e incêndios, toleraremos? Omito, com efeito, aqueles fatos bem antigos, que C. Servílio Ahala a Cipião Mélio, *devotado a uma revolução* [grifo nosso], matou com sua própria mão. Houve, sim, outrora, esta virtude em nossa república, que os homens corajosos coibissem um cidadão nocivo com mais duros suplícios do que ao mais acerbo inimigo. Temos um decreto senatorial contra ti, Catilina, terrível e grave, não falta à república a resolução, nem a autoridade desta Ordem; nós sim, os cônsules, digo abertamente, faltamos.

tenacidade, idealmente caracterizadores dos hábitos dos *maiores*, puderam encontrar à distância das cidades seu lugar preferencial de vigência, segundo se acreditou no mundo romano.¹³ Abundam, então, testemunhos sobre essa emblemática identificação entre a vida austera dos camponeses e o *mos maiorum*, como se, alheios a “perigosos” modismos, os cultores da terra tivessem ao mesmo tempo logrado desvencilharem-se de males como a ganância – que o desejo desenfreado de consumo alimenta –, a violência contra os semelhantes e a pátria, em prol apenas de benefícios individualistas, a completa perda de referenciais no âmbito moral e dos comportamentos...

O chamado trecho das *Laudes ruris* de fins de *Geórgicas* II representa, acreditamos, uma oportunidade de contato com semelhante forma de pensar, pois nessa passagem Virgílio contrapõe, ainda em sua época, vários “defeitos” da vida urbana a uma suposta felicidade campesina.

¹³ Miles, 1980, p. 7: O sentido romano de identificação e débito para com a vida rústica recebeu particular impulso da exposição à civilização helenística durante o segundo século a.C. Os romanos tinham consciência de que sua própria cultura, pelos padrões do mundo helenístico, era um tanto restrita. Ao mesmo tempo, eram capazes de contrastar a firmeza de sua própria sociedade e sua preeminência bélica com a confusão política e a fraqueza militar das nações helenísticas que tinham conquistado. Uma consequência importante de sua ambivalência na própria relação com o mundo helenístico foi que ela os encorajou a tornarem virtudes as características mesmas responsáveis por que parecessem atrasados segundo os padrões helenísticos. Vieram a considerar o refinamento e o luxo que eram tão impressionantes no leste como, ao mesmo tempo, sintomas e causas de sua fraqueza, afinação e degeneração. Pelo contrário, ao dominarem o mundo, os romanos sentiam que tinham provado sua superioridade em qualidades importantes. Eles atribuíam essas qualidades à própria simplicidade e resistência do modo de vida de seus ancestrais [*The Roman sense of identification with and indebtedness to rustic life received particular impetus from exposure to Hellenistic civilization during the second century B. C. Romans were aware that their own culture was rather narrow by the standards of the Hellenistic world. At the same time, they were able to contrast the stability of their own society and their martial preeminence with the political confusion and military weakness of the Hellenistic nation whom they conquered. One important consequence of their ambivalence about their relation to the Hellenistic world was that it encouraged them to make virtues of the very characteristics that caused them to appear backward by Hellenistic standards. They had come to regard the refinement and luxury that were so impressive in the East as both symptoms and causes of its weakness, effeminacy, degeneration. By contrast, in mastering the world Romans felt that they had proved their superiority in the qualities that mattered. They attributed those qualities to the very simplicity and hardiness of their ancestor's way of life*].

Conforme bem analisado por Alessandro Barchiesi,¹⁴ o poeta elabora, aqui, um elogio do campo “às avessas”, no sentido de que as “boas” qualidades do tradicional ambiente rústico se delineiam em contraste com os “maus” aspectos da vida citadina: então, como ressaltado em v. 495-497, o camponês não necessita no dia a dia ter medos tão grandiosos quanto aqueles atinentes aos destinos externos da política romana; também não tem de reear contrastes como a pobreza ou a riqueza extremas (v. 498-499): uma, capaz de despertar-lhe o sentimento da pena; a outra, da inveja.

Em vez disso, os rústicos colhem com “sossego” os frutos da terra, sem ocuparem-se das “leis férreas”, do “foro insano” e dos “arquivos do povo” (v. 501-502); outros homens das cidades, ainda, “incomodam” os mares com remos, “lançam-se às armas”, adentram “palácios e limiares de reis”, atacam cidades e “infelizes Penates” para destruí-los e, assim, poderem “beber em gemas e dormir sobre púrpura de Sarra” (v. 503-504)... Sem elencarmos na sequência todas as “más” características dos citadinos, dizer que os camponeses preferem trabalhar ao arado incessantemente – mas de modo que disso lhes vem uma “honesta” abundância (v. 513-518), a qual inclui todos os frutos outonais e as vindimas (v. 519-522) –, ter uma vida familiar casta e festejar entre si em jogos alheios a uma destrutiva competitividade (v. 523-531) já basta para fazer ver, por oposição, como seu modelo de vida se afasta da cobiça desmedida, de grandes preocupações e anseios maiores do que podem abarcar os braços de um só homem, de vaidades e buscas por poderes apenas desencadeadores de inquietações...

Quando consideramos a própria trajetória de vida de Catão Censor, por sua vez, reiteramos que essa personagem histórica soube manter-se, em vários aspectos, vinculada a maneiras bastante tradicionais de agir e pensar. Nascido no País Sabino, em Túsculo (234 a.C.), em uma região da Itália central reputada das mais aferradas a modelos agrícolas de existência e à religiosidade,¹⁵ o Censor experimentou pessoalmente, na primeira juventude, os efeitos da velha educação pelo contato com a

¹⁴ Barchiesi, 1982, p. 74.

¹⁵ Deschamps, 1983, pp. 157-187.

terra: “*Ego iam a principio in parsimonia atque in duritia atque (in) industria omnem adulescentiam meam abstinui agro colendo, saxis Sabinis, silicibus repastinandis atque conserendis*”.¹⁶

Adolescente, por outro lado, Catão ingressou nas milícias do povo romano, pois tomou parte, aos 17 anos, nas lutas contra o cartaginês Aníbal, em episódios da segunda Guerra Púnica.¹⁷ No prosseguimento de uma carreira de armas que se revelaria prestigiosa para si e frutífera para a própria Roma, o futuro Censor, ainda, tornou-se tribuno militar na Sicília com a idade de 24 anos;¹⁸ importa, complementarmente, dos anos de juventude de Catão, ressaltar seu papel como orador e “advogado” provincial no país sabino de origem, onde se notabilizou por uma “retórica” desprovida de grandes aparatos de estilo, ao que tudo indica, mas plena de tradicionalismo de pensamento e incisiva eficácia.¹⁹

Não caberia, porém, a essa personagem histórica apenas permanecer encerrada nos domínios do jogo político ou bélico atinente a quaisquer das províncias: “descoberto” pelo patrício romano de nome Lúcio Valério Flaco, a quem chegaram as notícias sobre suas virtudes morais e guerreiras, Catão mudou-se, aos 28 anos, para a cidade de Roma,²⁰ fato que acabou por dar início à sua escalada social no âmbito do *cursus honorum*, ou “carreira estatal” dos antigos. Assim, aos 35 anos, ele se tornou edil da plebe e instituiu jogos urbanos; aos 36, foi pretor da

¹⁶ Della Corte, 1969, p. 12: Quanto a mim, desde o princípio resguardei toda minha juventude na parcimônia, no rigor e na atividade cultivando os campos, rochas sabinas, recavando e semeando o cascalho.

¹⁷ Plutarco, *Vite parallele, Catone I*, 8: Ele próprio conta ter tido dezessete anos no tempo de sua primeira campanha militar, quando Aníbal, vitorioso, fazia arder a Itália [*Egli stesso racconta di aver avuto diciassette anni al tempo della sua prima campagna militare, quando Annibale, vittorioso, faceva ardere l'Italia* (trad. do original grego ao italiano por Barbara Scardigli)].

¹⁸ Cornélio Nepos, *Cato I*, 2: No consulado de Q. Fábio e M. Cláudio, foi tribuno militar na Sicília [*Q. Fabio M. Claudio consulibus tribunus militum in Sicilia fuit*].

¹⁹ Grimal, 1994, p. 116.

²⁰ Cornélio Nepos, *Cato I*, 1: Depois, por convite de L. Valério Flaco, que teve como colega no consulado... mudou-se para Roma e começou a frequentar o foro [*Inde hortatu L. Valerii Flacci, quem in consulatu censuraque habuit collegam... Romam demigravit in foroque esse coepit*].

província da Sardenha, contando-se muitas anedotas a respeito de seu honesto desempenho de cargo naquela ilha do Mediterrâneo.

Como reportado por Cristina Pimentel,

Ao contrário dos pretores que o haviam precedido e que, com os dinheiros públicos, se vestiam e alojavam ricamente, mantinham uma multidão de servidores e custeavam amigos e esplendorosas festas, Catão jamais sobrecarregou o erário público com gastos supérfluos, suprimindo ou reduzindo ao estritamente indispensável todas as despesas de representação pela promulgação da *Lex Porcia de sumptu prouinciali*. Entre as localidades sob sua jurisdição deslocava-se a pé e sem outra comitiva além de um servidor que lhe transportava a roupa necessária e um vaso destinado às libações dos sacrifícios. Simples e acessível para com os que governava, nem por isso diminuía o extremo rigor com que exercia o poder e fazia cumprir as ordens. Foi duro em especial para com os usurários, que expulsou da ilha, e na repressão da indigna atividade a que se entregavam.²¹

Depois dessa magistratura, assistimos ao alçamento de Catão ao posto de cônsul, com a idade de 39 anos. É importante dizer que partilhou o consulado, no ano de 195 a.C., com seu amigo e protetor, o mesmo Lúcio Valério Flaco a que nos referimos há pouco; por outro lado, tal cargo correspondia ao auge da carreira política dos cidadãos de Roma, cabendo aos dois magistrados anualmente eleitos importantes funções como “convocar e presidir o senado, os comícios curiados e os centuriados, fazer executar as decisões do senado e do povo; [...] recrutar e comandar os exércitos e nomear oficiais até a época de Silas. Além disso, como os censores, eleitos por cinco anos, só exercem de fato sua magistratura durante 18 meses, são os cônsules que, no intervalo, exercem as funções dos censores [...]. Nas épocas de crise, os poderes dos cônsules são aumentados pelo *senatusconsultum ultimum*”.²²

Aos 50 anos, enfim, coube a Catão ocupar o posto de *Censor morum*: entre as atribuições daqueles investidos dessa dignidade, cabia realizar o recenseamento, ou contagem e distribuição dos indivíduos de acordo com seus bens de fortuna, recrutar o senado, vigiar os costumes privados

²¹ Pimentel, 1997, p. 11.

²² Bornecque & Mornet, 2002, p. 91.